



Algures, 30 de maio de 2018

Caro Jonas,

Como sabes, parti numa viagem à volta do mundo há cerca de três meses. O que talvez ainda não saibas é porquê.

Tudo começou na escola. Nas aulas, os professores descrevem lugares exóticos sempre que podem. Os professores de Geografia falam-nos de tentaculares metrópoles, os de Biologia, de selvas inexploradas, os de História, de ruínas que teimam em não se deixar vencer pelo tempo,...

Estes locais afiguram-se estonteantes, mas, na verdade, a nenhum deles é realmente feita justiça nestas descrições, porque nenhum dos meus sábios tutores os visitou em carne e osso. Eles falam do que ouvem. Assim decidi que ia conhecer esses lugares encantados da única maneira possível: marcando presença lá. O desejo de saber, de satisfazer a curiosidade é um dos motores que põe os viajantes em movimento.

Não me arrependo de nada. Ao longo destes três meses contactei com povos indígenas, animais raríssimos, gastronomia regional e testemunhos da História do Homem e da Terra. Alarguei os meus horizontes e sinto-me muito mais rico (embora tenha gasto as minhas poupanças até às últimas). Viajo ora sozinho, ora acompanhado, o que me permite também compreender-me cada vez melhor. Tenho feito um caminho de descoberta interior quase tão longo como o percurso que efetivamente já percorri. Esta jornada fez-me entender quais devem ser as nossas prioridades e preocupações. Apercebi-me [de] que não devemos viver atemorizados com o amanhã, pois nunca o alcançamos realmente. Este corre à frente do hoje, e jamais abranda.

Isto conduz-me à razão que me motivou a escrever-te. Já não sei onde estou, nem como vou regressar. Se encontrares a garrafa onde coloco esta mensagem, procura-me o mais depressa possível. Não deixes isso para amanhã, ou estarei condenado.

Um abraço,

O teu grande amigo

Nuno Duarte Pereira Pinto (11.º ano), Colégio de N.ª S.ª da Bonança